

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS

Wellington Dias

PAISAGEM, POESIA E MOVIMENTO

Belo Horizonte

2017

Wellington Dias

PAISAGEM POESIA E MOVIMENTO

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Artes Visuais.

Área de habilitação: Escultura

Orientador: Prof. Fabrício José Fernandino

Belo Horizonte

2017

Gratidão à Natureza e a todos os seres desta
e de outras dimensões de existência

Wellington Dias

PAISAGEM, POESIA E MOVIMENTO

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel na habilitação em Escultura.

BANCA EXAMINADORA

Fabrício José Fernandino – Universidade Federal de Minas Gerais
(Orientador)

João Augusto Cristeli de Oliveira – Universidade Federal de Minas Gerais

Joice Saturnino de Oliveira – Universidade Federal de Minas Gerais

RESUMO

Em meu Trabalho de Conclusão do Bacharelado em Escultura, da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, faço uma reflexão sobre o meu percurso como aluno, por meio de três etapas que foram muito significativas nessa trajetória e que representam um recorte que considero ser uma maneira especial e pessoal no exercício da arte. Arte para mim é essencialmente uma forma de me relacionar com o universo, com o mundo e com a vida. Refletir sobre distintas possibilidades de perceber e criar em um espaço específico possibilita-me entender e conceituar todo esse processo. Em minha ação criadora, senti a necessidade de aprofundar em uma observação mais reflexiva e apurada sobre todos esses procedimentos, na qual busquei, na minha intuição mais sensível, um sentido em tudo isso. Foi com base nessa contemplação, imerso nas mais diversas paisagens, que me ocorreu a possibilidade do meu diálogo artístico incorporando o meio ambiente à minha obra, tomando-o como suporte para meu processo criativo. Ao associar meu trabalho de atelier a essas paisagens especiais, as minhas criações foram desenvolvidas com o intuito de sensibilizar as pessoas para que compartilhassem comigo de uma experiência dos sentidos – uma arte sensorial. Esse espaço que me refiro é aqui entendido em uma dimensão mais ampla, contendo muito mais do que formas, cores, sons e aromas, sendo ele preenchido, não só pelos significantes, mas, principalmente, pelo significado que as pessoas dão a essa ambiência e por suas vibrações sutis, possibilitadas pelo pensar e pelo sentir. Este relato é um fracionamento de uma trajetória em que busco uma conexão mais intimista com a natureza, interna e externa, e com todas as dimensões possíveis, amalgamadas pela arte.

Palavras-chave: Escultura, Arte Ambiental, Paisagismo, Intervenção Urbana.

ABSTRACT

In my monography on sculpture by the Fine Arts School/UFMG, I develop a reflection on my journey as a student through three different stages that were quite representative on this path and that represents a piece that I consider to be both special and personal on producing art. Art, for me, is essencially a way of establishing a connection to the universe/life and by reflecting on the different possibilities of perceiving and creating on a specific arena, it makes it possible for me to understand and to conceptualize this whole process. In my creative work, I felt the need of diving on a more reflexive and accurate observation of all these procedures, in which I searched within the most sensible dimension of my intuition a meaning to all of these. It was based on this contemplation, having dove on the most diverse landscapes that occurred to me the possibility of including nature/the environment in the framework of my artistic material, having it supporting my creative process. By associating my studio work to these special landscapes, my creations were developed with the purpose of sensitize people so they could share with me a sensitive experience – a sensorial artwork. The place to which I am referring to is understood on a broader dimension, containing much more than shapes, colours, sounds and smells. It is noticed not only by those who make a meaning of it but mainly by the meanings itself that are produced of the environment and its subtle vibrations – a fruit of thinking and feeling.

Keywords: Sculpture, Environmental Art. Landscaping, Urban intervention.

LISTA DE SIGLAS

EBA – Escola de Belas Artes

ESA – Escola Superior Agrária (Bragança/Portugal)

ESE – Escola Superior de Educação (Bragança/Portugal)

IPB – Instituto Politécnico de Bragança

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 ETAPAS	10
2.1 A Cerâmica e os Orixás do Candomblé	10
2.1.1 Outros Arquétipos para além da Cultura Africana	16
2.2 O Jardim Mandala	20
2.2.1 Jardim Mandala na UFMG: expressando a relação entre Arte, Paisagismo e Educação	23
2.2.2 O Ritmo e outros elementos sensoriais	25
2.2.3 Relações entre linguagens: as esculturas, as pinturas e o espaço	31
2.2.4 As Visitas e as Oficinas	33
2.3 Portugal: outros diálogos	40
2.3.1 Exposição Outono	40
2.3.2 No Ateliê	45
2.3.3 O Workshop	46
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
4 APÊNDICE: Depoimentos	50
4.1 Amarilis Coragem	50
4.2 Cristina Magalhães	51
4.3 Caio Junqueira Maciel	51
5 ANEXOS	53
5.1 Oxum	53
5.2 Ogum	54
5.3 Ewá	55
5.3 Erê	55
5.4 Festa da Cabra e do Canhoto	56
REFERÊNCIAS	57

1. INTRODUÇÃO

"admito que o belo natural se pode melhorar pela mão dos artistas."
Professora Dra. Luísa Genésio (1999)

Paisagem, Poesia e Movimento

No trabalho de conclusão do Bacharelado em Escultura, da EBA/UFMG, faço uma reflexão do meu percurso como aluno, por meio de três etapas muito significativas dessa trajetória, que representam um recorte daquilo que considero ser uma das muitas maneiras do exercício da arte, como uma forma de me relacionar com o universo e com a vida.

Ao refletir sobre as diferentes formas de perceber o espaço físico para conceituar o meu trabalho, senti a necessidade de uma observação mais sensível e apurada. Foi com base nessa contemplação nas mais diversas paisagens que me ocorreu a possibilidade do diálogo entre meio ambiente e arte, tomando-o como suporte para meu processo criativo.

Ao associar meu trabalho de atelier com o espaço, as criações foram desenvolvidas com o intuito de sensibilizar as pessoas para que partilhassem comigo uma experiência sensorial. E, esse espaço é aqui entendido em uma dimensão mais ampla, contendo muito mais do que formas, cores, sons e aromas, sendo ele preenchido também pelo significado que as pessoas dão a essa ambência e pelas vibrações sutis, como a dos pensamentos e dos sentimentos.

Considero, ainda, o ritmo como outro elemento fundamental nesse conjunto de impressões presentes nas paisagens, e que, quando nos toca, individualmente ou somado a outros elementos sensoriais, desperta percepções com as mais diferentes nuances. Em um dado momento, é a simples observação; em outro, é o movimento que conta; noutro, o silêncio, a quietude, o fluir, o convergir, o expandir, cada um, a seu modo, vai se tornando determinante e interagindo com nosso mundo interno. Porém, o que permeia todos esses estados de ocupação do espaço, e o que ressalto a ser considerado, é exatamente o estar ali no presente, deixando-se envolver por meio dos sentidos, integrando assim com todos os elementos e compartilhando a experiência estética pelo sentimento, pelo sentido e pelo significado da obra.

Considero como "espaço" não somente a paisagem natural ou a paisagem construída, mas também a mesa de trabalho, o ambiente do ateliê, o ambiente mental e imaginário, o cenário das memórias e dos sentimentos. Desse modo, diante dessa concepção diversificada, procurei, no desenvolvimento do processo

criativo, buscar diferentes maneiras para construir uma produção artística tridimensional.

É nessa vertente que se articulam as reflexões que surgem naturalmente. É, também, nesse sentido que, por diversas vezes, se sustentou todo o meu processo de produção artística.

Destaco, como referências para esse meu processo, os trabalhos dos artistas: Bruno Torfs¹, com as inserções de suas esculturas em espaços naturais, e Philippe Faraut², com a sua apuradíssima técnica de modelar e esculpir. E, além desses dois, considero a importante contribuição da arte de Caribé³, na sua concepção sensível de representações das imagens do candomblé. Esses três artistas constituem a tríade que me inspirou em diferentes momentos desse processo como criador.

Assim, apresento a estrutura básica deste trabalho, por meio de três etapas significativas na minha produção durante o curso de Bacharelado em Escultura:

¹ Bruno Torfs – A biografia do artista é bem nebulosa. Revela sobre si (não diz em entrevistas mais do que expõe em seu website) apenas que é latino-americano, migrou para a Europa aos 15 anos, morou em vários lugares do mundo, inclusive a Índia, e escolheu a Austrália para construir, com a família, seu patrimônio mais precioso, um local que abrigasse toda sua produção de esculturas e, mais que isso, pudesse compor com elas um grande cenário de beleza mágica. Costuma declarar que toda sua criação é concebida para dialogar com um ambiente natural, participando dele. O cenário composto recorda os clássicos medievais de gnomos e fadas, em que os elementos da natureza se transmutam em seres mitológicos.
<http://semema.com/esculturas-de-bruno-torfs-em-seu-jardim-magico/>

² Philippe Faraut – é um artista multitalentoso, atua em áreas diversas como ilustração, escultura, reconstrução forense , arte-educação, cinema e teatro. Ele utiliza suas máscaras tridimensionais como referência para o processo de envelhecimento e estudos aprofundados da expressão humana. Escultor premiado, especializado em arte representacional, Philippe sente que há um renovado interesse e vontade dos artistas para retornar ao estudo da forma humana que tem o potencial de trazer de volta para a nossa sociedade uma valorização da beleza tradicional.
<http://lavrapalavra.blogspot.com.br/2013/09/philippe-faraut-esculturas-excepcionais.html>

³ Caribé – nome artístico **Hector Julio Páride Bernabó** (Lanús, 7 de fevereiro de 1911 — Salvador, 2 de outubro de 1997), foi um pintor, gravador,desenhista, ilustrador, ceramista, escultor, muralista, pesquisador, historiador e jornalista argentino,brasileiro naturalizado e residente no Brasil desde 1949 até sua morte.
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Caryb%C3%A3>

2 ETAPAS

2.1 A cerâmica e os Orixás do Candomblé

Dentro das propostas realizadas no atelier a cada semestre do curso, a relação com o barro e com os processos de produção da cerâmica suscitou o desejo de construir esculturas inspiradas nos arquétipos das matrizes afro-brasileiras da Umbanda e do Candomblé. Essa vontade se deu, talvez, pela força que o barro possui como matéria-prima da arte dos primeiros povos da terra, estes muito mais conectados com o planeta e com os processos mais naturais de vida. Apesar desta prevalência de elementos africanos no meu trabalho, conduzi para que, na temática de cada processo criativo, permeasse também o universo dos mitos e das lendas de outras culturas, como a Indiana, a Celta, Tibetana e a Indígena Brasileira. Pois, ao analisar a essência de cada um desses elementos culturais, percebi que os arquétipos mitológicos da criação eram os mesmos, apenas diferenciados pelas peculiaridades de cada um desses povos, todavia, guardando em si os elementos simbólicos de trindades criadoras, de deuses e de espíritos elementais da natureza.

Na figura da Oxum¹ do Candomblé, encontrei o arquétipo da Grande Mãe (o mesmo ocupado por Maria no cristianismo ou por Ísis na religião egípcia, por exemplo). Esse arquétipo me inspirou a criar esculturas carregadas de elementos orgânicos, naturais e com referências culturalmente femininas, como flores, folhas e conchas (Fig.1,2 e 3). Em correspondência com mitos da representação dessa Oxum (Orixá regente das águas doces), surgiu também a figura da Yara, pertencente à mitologia indígena brasileira. Minha referência para construir essa representação indígena foi a mesma que guardo na memória como imagem da lenda da Yara, encontrada nos livros (Fig.4). Já em outra escultura, o mesmo mito surge em uma releitura menos formatada, fundida a vários outros elementos decorativos e simbólicos. (Fig.5).



(Figuras 1, 2 e 3)
Fonte: Fotografia de Welington Dias



(Figuras 4 e 5)
Fonte: Fotografia de Welington Dias

A imagem dos seios se destacou como um elemento marcante em todos esses trabalhos, ganhando sempre um tratamento especial, reforçando o simbolismo da maternidade e da feminilidade representativo da imagem da Grande Mãe (Detalhe Fig.6).



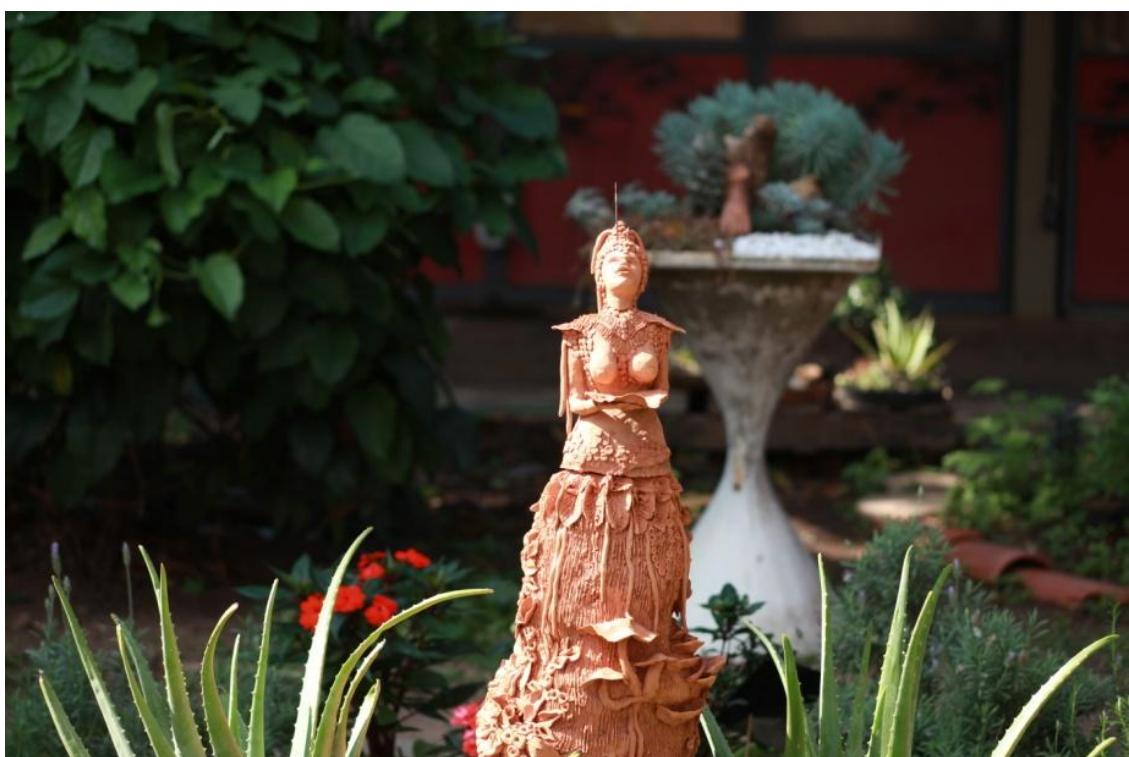
(Figura 6: Detalhe Seios da obra “Feminino de Ossain”)
Fonte: Fotografia de Welington Dias

Com base nessas primeiras produções, os elementos africanos me inspiraram a ampliar para a criação de outras figuras, como o Ogum (Fig. 10), o Erê (Fig. 12), Ewá (Fig.11) e Ossain² (Fig. 7 e 8). Dessas, destaco a escultura intitulada “Feminino de Ossain”, na qual consegui traduzir detalhes em forma de folhas, flores e ramagens, somadas a uma expressividade do rosto que reflete um estado de concentração, ao mesmo tempo que interage com o observador no gesto de quem oferece dádivas por meio da folha que a escultura sustenta nas mãos. Fiz uma releitura dos arquétipos desse orixá, por intermédio da transposição do gênero masculino para uma figura feminina, que rege o domínio dos conhecimentos das plantas e seus atributos místicos e terapêuticos (Fig. 8).



(Figuras 7 e 8. Detalhes da obra “Feminino de Ossain”)

Fonte: Fotografia de Welington Dias



(Figura 9: O Feminino de Ossain)

Fonte: Fotografia de Welington Dias



(Figura 10: OGUM)
Fonte: Fotografia de Welington Dias



(Figura 11: EWÁ)
Fonte: Fotografia de Welington Dias



(Figura 12: ERÊ)
Fonte: Fotografia de Welington Dias

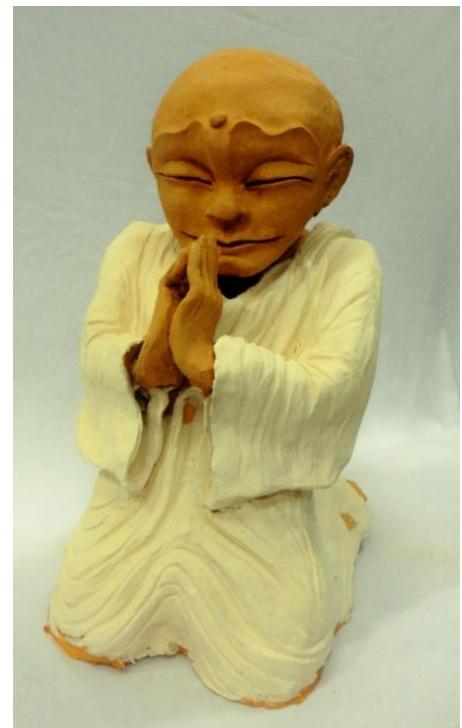
2.1.1 Outros arquétipos para além da cultura africana



(Figura 13: O Yogue Oxossi)
Fonte: Fotografia de Welington Dias



(Figura 14: O Fauno Exú
Fonte: Fotografia de Wellington Dias



(Figura 15 e 16: Buda e Monge)
Fonte: Fotografia de Wellington Dias



(Figura 17: Os Gambás e a Fada)
Fonte: Fotografia de Welington Dias



(Figuras 18, 19 e 20: Espíritos das Árvores)



(Figuras 21 e 22: Quimeras)
Fonte: Fotografia de Welington Dias



(Figura 23: Fada)
Fonte: Fotografia de Welington Dias



(Figura 24: Senhora das Serpentes)
Fonte: Fotografia de Welington Dias

2.2 O Jardim Mandala⁴



(Figura 25: Mandala com flores de Espatódia)
Fonte: Fotografia de Wellington Dias

Desde a década de 1990, antes da minha entrada na universidade, venho pesquisando e construindo jardins temáticos e sensoriais com referência nas mandalas. Por meio desse trabalho, fui também estabelecendo uma relação muito estreita entre a prática artística, a botânica e, mais especificamente, com os estudos sobre as plantas medicinais e aromáticas.

As mandalas, dentro das tradições antigas, estimulam os processos meditativos, potencializam a concentração e refletem o arquétipo da forma original do micro e macrocosmo. Quando essas formas são introduzidas no planejamento e na construção de jardins, tenho observado, ao longo de todos esses anos, que, com base em uma organização harmônica das plantas no espaço, ocorre um desenvolvimento muito rápido, com uma significativa qualidade na estrutura dos vegetais e um alto nível energético dos ambientes ocupados por esses jardins. Isso dentro de uma experiência pessoal e holística⁵.

Nos conceitos da Geobiologia, ciência que observa e estuda a vida da Terra por meio de várias linhas energéticas que atravessam todo o planeta (em correntes verticais, horizontais, perpendiculares e dos veios energéticos gerados pelas correntes de água subterrânea), encontramos os fundamentos para instigantes observações e estudos, considerando que todos esses e outros elementos exercem uma influência muito significativa em espaços, como cidades, templos, igrejas, bem como locais ajardinados e/ou destinados ao cultivo de alimentos. Temos registros históricos que, desde tempos imemoriais, várias culturas se valeram desses conhecimentos para a otimização de seus processos de ocupação e uso dos espaços naturais.

⁴ Mandala – significa círculo em palavra sânscrito. Mandala também possui outros significados, como círculo mágico ou concentração de energia, e universalmente a mandala é o símbolo da integração e da harmonia.
<https://www.significados.com.br/mandala/>

⁵ Holístico – ou holista é um adjetivo que classifica alguma coisa relacionada com o holismo, ou seja, que procura compreender os fenômenos na sua totalidade e globalidade. A palavra holístico foi criada a partir do termo *holos*, que em grego significa "todo" ou "inteiro".
<https://www.significados.com.br/holistico/>



(Figura 26: Jardim Mandala Espaço do Ser)
Fonte: Fotografia de Welington Dias



(Figura 27: Jardim Mandala Itatiaiuçu)
Fonte: Fotografia de Welington Dias



(Figura 28: Jardim Mandala – Congresso Mineiro de Paisagismo 2006)
Fonte: Fotografia de Wellington Dias



(Figura 29: Jardim Mandala – Fraternidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro)
Fonte: Fotografia de Wellington Dias



(Figura 30 – Mandala Arte na Terra com flores de Espatódias)
Fonte: Fotografia de Welington Dias

2.2.1 Jardim Mandala na UFMG: expressando a relação entre Arte, Paisagismo e Educação

A possibilidade da interlocução entre criatividade, educação e saberes tradicionais perpassa por esse projeto de intervenção urbana por meio da arte e do paisagismo. Nesse sentido, foi desenvolvido, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FaE/UFMG), o projeto de criação do Jardim Mandala. O trabalho propõe a reflexão sobre uma maneira diferenciada de lidar com espaços sem visibilidade, em situação de degradação ou inertes no sentido da funcionalidade. Na primeira fase de implantação e sob uma abordagem mais artística e poética, o objetivo foi despertar, nos visitantes e usuários, o interesse no olhar sobre um prisma mais estético e com base na memória afetiva sensibilizada pelos aromas e sabores das ervas e dos chás, que são diariamente produzidos na área anexa ao jardim (assim como faziam, ou ainda o fazem, as avós, as benzedeiras e os curandeiros de vários locais de nosso País, que buscam, nos seus quintais e arredores, tudo que precisam para seus procedimentos de cura e harmonização). Busquei, desde o início da implantação do jardim, estabelecer diálogos entre Arte Ambiental e uma consciência ecológica, por meio de uma atividade “holística” que conjugasse, também, a relação entre conhecimento acadêmico e saberes tradicionais.

A Arte Ambiental, na sua vertente como Land Art⁶, ofereceu subsídios para pensar e construir uma sucessão de canteiros circulares, recheados de plantas aromáticas e medicinais, buscando a sensibilização dos sentidos para essa experimentação estética motivadora de uma impressão mais profunda sobre quem passeia pelos

⁶ Land Art – (em inglês “Earth Art” ou “Earthwork”) foi um movimento artístico pautado na fusão na natureza com a arte, que surgiu na década de 60 nos Estados Unidos e na Europa. O termo “land art”, se traduzido, corresponde a “arte da terra” tendo como principal característica a utilização de recursos provenientes da própria natureza para o desenvolvimento do produto artístico. Em outras palavras, a land art surge a partir da fusão e integração da natureza e da arte donde a natureza, além de suporte, faz parte da criação artística. <https://www.todamateria.com.br/land-art/>

espaços do jardim, resgatando, assim, relações com as lembranças e reminiscências das raízes indígenas e africanas da formação do povo brasileiro.

Os estudos da botânica alicerçaram a identificação e catalogação de 80 espécies que compõem o memorial descritivo das espécies encontradas no espaço Jardim Mandala. E, por meio desses e outros estudos, nas áreas da educação ambiental, fitoterapia e agricultura orgânica, estabeleci ligações entre conteúdos de diversas disciplinas. Com a presença periódica dos Mestres de Saberes Populares, que passaram a frequentar o espaço, realizando, nele, suas palestras e aulas práticas, reforcei o sentido multidisciplinar pretendido desde a organização da proposta do projeto.

Para continuidade dessa proposta que tem também um perfil de um jardim escola, espero que, ao longo do tempo, as atividades ligadas à manutenção, ampliação, e divulgação do projeto, sejam geridas por um coletivo de representantes de duas modalidades do conhecimento – o acadêmico e o popular. Almejo que essas duas vertentes trabalhem de forma harmoniosa o contato com a natureza nos arredores da faculdade, restabelecendo uma prática de bem-estar e gentileza que deveria se perpetuar como um hábito: a educação e o trabalho não separados dos conceitos mais simples de qualidade de vida. A criação do espaço foi inspirada nos princípios da Geobiologia⁷, da Geometria Sagrada⁸, do Feng Shui⁹ e de um modelo de lugar desenhado por meio da sensibilidade do corpo na busca da sintonia com os ciclos da vida e com os modos mais naturais de lidar com o conhecimento e com o mundo.

Desde o ano de 2013, com base em uma leitura intuitiva do espaço ocupado pelo jardim, iniciou-se a implantação do que é, atualmente, o Espaço Jardim Mandala. Com o apoio sensível de Diretores, do corpo administrativo, dos alunos e visitantes, foi se consolidando o que, atualmente, é local de referência em termos de visitação na Faculdade de Educação.

O espaço é, também, utilizado como sala de aula aberta para o curso de Pedagogia, Licenciatura do Campo e Licenciatura Indígena, além de servir como ponto de encontro das disciplinas de Formação nos Saberes Transversais.

⁷ GEOBIOLOGIA – É a ciência que trata da interação do homem com o meio que o rodeia, o termo, embora recente, descreve uma das mais antigas práticas de radiestesia que se tem notícia, de fato, quando algum membro da tribo, empunhando apenas uma forquilha, saía procurando veios de água e locais de perturbação energética, ele praticava o que se chama hoje de Geobiologia, os romanos, que antes de construírem uma cidade deixavam animais pastando por um ano em um local para observarem os efeitos do meio sobre os mesmos e se utilizavam dos rudimentos desta arte.

<http://www.radiestesia.net/geobiologia/introducao-a-geobiologia/>

⁸ GEOMETRIA SAGRADA – o estudo das ligações entre as proporções e formas contidas no microcosmo e no macrocosmo, com o propósito de compreender a Unidade que permeia toda a Vida.

<http://soldesirius.blogspot.com.br/2009/10/geometria-sagrada.html>

⁹ Feng Shui – Com origem na China há pelo menos três mil anos, a arte do Feng Shui significa literalmente "vento e água". Esta arte estuda a influência do espaço no nosso bem-estar e a forma como os locais onde vivemos e trabalhamos se refletem no modo como nos sentimos.

<http://www.escolafengshui.com/feng-shui/o-que-e>

2.2.2 O Ritmo e os outros elementos sensoriais

Foi com a proposta e a construção do Jardim Mandala que procurei oferecer, a cada visitante, a possibilidade de observar e vivenciar uma experimentação sensorial logo na entrada do espaço, onde já se percebe a mudança na temperatura ambiente, causada pelo alto nível de umidade do solo mantido pela cobertura vegetal.

A repetição de estruturas que sugerem “portais” promove, segundo o depoimento de visitantes, a sensação de se entrar num ambiente conectado a outras dimensões e níveis de consciência. O ritmo sugerido por essas estruturas foi criado com a intenção de promover a mudança nos padrões mentais e de comportamento, convidando à introspecção e ao estado de calma. Além desses portais, a disposição das esculturas e dos canteiros circulares cria um ritmo que promove uma sensação de direcionamento do olhar. Na aparente “desorganização”, em termos de variedades de plantas, construiu uma poética. Essa “desorganização poética” foi, intencionalmente, criada com referência no que, popularmente, denominamos de “Jardim de Avó”, onde normalmente se misturam os mais variados tipos de plantas, desde as ornamentais, passando pelas medicinais até as comestíveis.

Apesar da profusão de elementos visuais, táteis, sonoros e olfativos que estão inseridos no lugar, o que pretendi foi impressionar os visitantes, convidando-os, para que, com base em um deslocamento de atenção, alcancem o silenciar da mente objetivando um estado contemplativo e de meditação. Além disso, o local passou a ser utilizado como área de repouso após as refeições, área para leituras, para conversas em grupo e até pequenas comemorações, assumindo assim múltiplas funções e formas de uso.

Com o objetivo de preservar a qualidade do ar, no local, sempre foi sugerido o não uso do tabaco ou de qualquer tipo de bebida mais excitante, como álcool e café.

É muito comum observarmos, nos recantos do jardim, várias pessoas desfrutando sensações sugeridas e, também, práticas, tais como, exercícios de respiração e alongamentos. Em síntese, a construção do jardim propiciou a possibilidade de se vivenciar uma fruição sensorial, estética e poética da convivência com um espaço que promova, essencialmente, um estado de maior bem-estar e relaxamento.



(Figura 31: Jardim Mandala FaE)
Fonte: Fotografia de Wellington Dias



(Figura 32: Jardim Mandala FaE)
Fonte: Fotografia de Thaís Simen



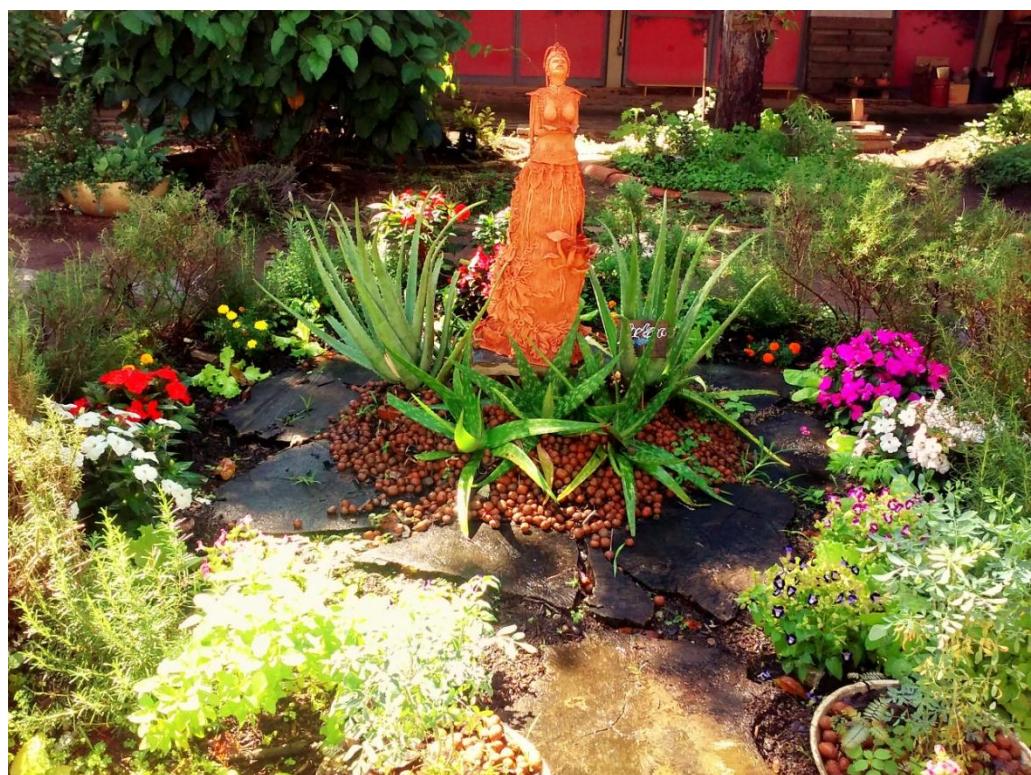
(Figura 33: Jardim Mandala FaE)
Fonte: Fotografia de Welington Dias



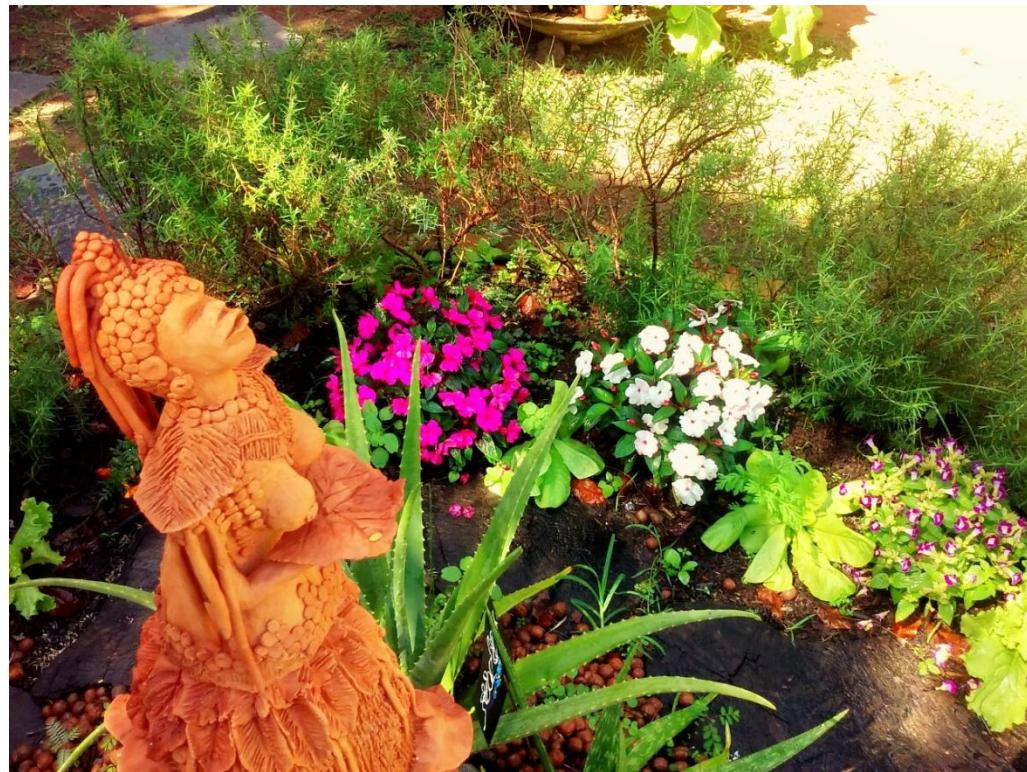
(Figura 34: Jardim Mandala FaE)
Fonte: Fotografia de Welington Dias



(Figura 35: Jardim Mandala FaE)
Fonte: Fotografia de Welington Dias



(Figura 36: Jardim Mandala FaE)
Fonte: Fotografia de Welington Dias



(Figura 37: Jardim Mandala FaE)
Fonte: Fotografia de Wellington Dias



(Figura 38: Jardim Mandala FaE)
Fonte: Fotografia de Wellington Dias

2.2.3 Relações entre linguagens: as esculturas, as pinturas e o espaço



(Figura 39: Pinturas no Jardim Mandala FaE)
Fonte: Fotografia de Welington Dias



Figura 40: Pinturas no Jardim Mandala FaE)
Fonte: Fotografia de Welington Dias



Figura 41: Pinturas no Jardim Mandala FaE)
Fonte: Fotografia de Wellington Dias



(Figura 42: Painel Oxossi no Jardim Mandala FaE)
Fonte: Fotografia de Wellington Dias



Figura 43: Pinturas no Jardim Mandala FaE)
Fonte: Fotografia de Wellington Dias



Figura 44: Pintura Casa Jardim Mandala FaE)
Fonte: Fotografia de Wellington Dias

2.2.4 As visitas e oficinas



(Figura 45: Encontro da Licenciatura em Educação do Campo)
Fonte: Fotografia de Wellington Dias



(Figura 46: Aula da Disciplina de Psicologia e Espiritualidade)
Fonte: Fotografia de Wellington Dias



(Figura 47: Alunos do Centro Pedagógico)
Fonte: Fotografia de Welington Dias



(Figura 48: Teatro PROEF Educação de Jovens e Adultos)
Fonte: Fotografia de Welington Dias



(Figura 49: Oficina de Produção de Chás Medicinais)
Fonte: Fotografia de Wellington Dias



(Figura 50: Visita de alunos da Umei Alaíde Lisboa)
Fonte: Fotografia de Wellington Dias



(Figura 51: Visita de alunos da Umei Alaíde Lisboa)
Fonte: Fotografia de Wellington Dias



(Figura 52: Visita de alunos da Umei Alaíde Lisboa)
Fonte: Fotografia de Wellington Dias



(Figura 53: Encontro de Saberes Transversais)
Fonte: Fotografia de Wellington Dias



(Figura 54: Encontro de Saberes Transversais)
Fonte: Fotografia de Wellington Dias



(Figura 55: Encontro com Mestra Quilombola)
Fonte: Fotografia de Welington Dias



(Figura 56: Encontro dos alunos da Formação Intercultural Indígena)
Fonte: Fotografia de Welington Dias



(Figura 57: Encontro da Formação Intercultural Indígena)
Fonte: Fotografia de Welington Dias



(Figura 58: Encontro dos alunos da Construção da Casa Xakriabá)
Fonte: Fotografia de Welington Dias



(Figura 59: Aula de Relaxamento professora Cristina Fornachiari)
Fonte: Fotografia de Wellington Dias

2.3 Portugal: outros diálogos

No ano de 2016, em atividade de intercâmbio, aprofundei os estudos no Instituto Politécnico de Bragança, no norte de Portugal. Durante esse período, cursei disciplinas tanto das áreas das Artes Visuais como na Agronomia e Engenharia Florestal. O resultado desse percurso culminou na construção de uma convergência entre diferentes áreas de conhecimento e na montagem de uma exposição intitulada “Outono”, no Museu do Abade de Baçal (Bragança), onde apresentei os resultados da minha pesquisa sobre processos de modelagem, moldagem, tecnologia de materiais, escultura, paisagismo e educação ambiental.

2.3.1 Exposição “OUTONO”

O conjunto das obras dessa exposição é parte, também, das impressões provocadas pelos Festivais Celtas da região de Bragança, no Norte de Portugal. A força imagética e simbólica da comemoração popular conhecida como “Festa da Cabra e do Canhoto” de Cidões (Vinhais) instigou uma imersão e pesquisa sobre as lendárias figuras dos elementais da natureza e, principalmente, sobre a figura mitológica do Fauno¹⁰.

¹⁰ Fauno era uma divindade romana dos campos, bosques, pastores e da profecia. Sua aparência lembrava bastante Pã (Grécia), com chifres curtos, orelhas pontudas e pés com cascos grossos. Há ainda antigas descrições que mostram o Fauno com pernas e a cauda de um gamo, com braços e uma pele suave no corpo e face de um bonito jovem. A ele, atribui-se a criação da chamarela, um tipo de flauta. <http://gatomistico.blogspot.com.br/2008/08/o-fauno.html>

O caráter místico e enigmático desse ser, metade homem, metade animal, passou a fazer parte da inspiração para criar uma série de trabalhos em esculturas, desenhos e pinturas, compondo um conjunto quase que cenográfico. Somando-se a isso, o espetáculo natural que a estação do outono provoca na vegetação da região de Bragança me ofereceu as folhas dos Plátanos (árvore gênero *Platanus*, da família *Platanaceae*) que, uma vez inseridas na concepção de vários dos trabalhos, contribuiu para o resultado desse conjunto tão diferenciado em relação a outras produções pessoais.

As obras foram produzidas durante as aulas e práticas no Ateliê de Escultura da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança (ESE/IPB). Entretanto, a proposta e concepção da série foram vinculadas a outro percurso como aluno da Escola Superior Agrária (ESA/IPB), onde objetivei uma maneira de convergir alguns contextos das Artes Visuais a outros da Engenharia Florestal, da Educação Ambiental e do Paisagismo. Planejando para que o resultado, uma vez expresso em forma de obras de arte, pudesse integrar espaços públicos sem visibilidade, no intuito de direcionar os olhares das pessoas para que esses locais pudessem se tornar mais frequentados pela comunidade, transformando-os em áreas para desenvolvimento de atividades artísticas, para estudos e leituras ou para simples fruição de tempo livre – numa relação de continuidade do trabalho desenvolvido no Jardim Mandala da Faculdade de Educação (FaE/UFMG).



(Figura 60: Flyer da Exposição “Outono”)



(Figura 61: O Fauno)
Fonte: Fotografia de Welington Dias



(Figura 62: Escultura “O Fauno”)
Fonte: Fotografia de Wellington Dias



(Figura 63: Escultura “Dragão”)
Fonte: Fotografia de Welington Dias



(Figura 64: Escultura “Dragão”)
Fonte: Fotografia de Welington Dias



(Figura 65: Estudos para o Fauno)
Fonte: Fotografia de Wellington Dias

2.3.2 No Ateliê

Os trabalhos da exposição foram produzidos sob a orientação da professora e artista Ana Carreiro, que, desde o inicio, estimulou para que toda a produção perpassasse por outras linguagens artísticas, como o desenho e a pintura, estabelecendo, assim, uma conexão com processos criativos diversos, favorecendo muito para que esse resultado fosse tão significativo na minha formação. Das produções que compõem a exposição, constam 12 desenhos, seis pinturas e 16 esculturas.



(Figura 66: Ateliê de Escultura Instituto Politécnico de Bragança)
Fonte: Fotografia de Wellington Dias

2.3.3 O Workshop

Paralelamente à exposição, o Museu do Abade de Baçal oportunizou a realização de oficinas de arte que seriam oferecidas às crianças das escolas de Bragança. As atividades foram divididas em quatro encontros com 25 crianças cada, em que foram produzidos trabalhos inspirados na temática da exposição. Com base na utilização de materiais naturais ou biodegradáveis, busquei provocar nos alunos uma reflexão sobre as possíveis relações entre arte e meio ambiente, além de cooperar com a valorização da cultura popular da região de Bragança. Os resultados alcançados com base nessa atividade lúdica convergiram com outros objetivos pretendidos, como a formulação dos conceitos da exposição, por exemplo, o de trazer para a prática artística um tema que atrai a atenção de todos: as lendas, os mitos e o universo dos seres encantados. O material produzido pelos alunos se integrou ao espaço expositivo, estimulando e oferecendo a oportunidade de interação dos alunos com os espaços e as atividades do Museu.



(Figura 67: Ateliê Museu do Abade de Baçal)
Fonte: Fotografia de Wellington Dias



(Figura 68: Visita das crianças no Museu do Abade de Baçal)
Fonte: Fotografia de Wellington Dias



(Figura 69: Ateliê Museu do Abade de Baçal)
Fonte: Fotografia de Museu do Abade de Baçal



(Figura 70: Ateliê Museu do Abade de Baçal)
Fonte: Fotografia de Wellington Dias



(Figura 71: Visita das crianças no Museu do Abade de Baçal)
Fonte: Fotografia de Welington Dias

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É na relação entre “Paisagem, Poesia e Movimento” e três espaços tão distintos (Escola de Belas Artes, Faculdade de Educação e Instituto Politécnico de Bragança) que concluo este relato de experiência, em que busquei, na essência, uma síntese desse processo como artista e aluno da Universidade Federal de Minas Gerais. E, é, também, por meio, especialmente, do que chamo de “movimento”, que reforço as minhas concepções do que é “caminhar” como artista no mundo, direcionando outros e novos olhares sobre espaços que potencializem campos de pesquisa e produção, idealizando a cada passo um roteiro para futuros aprofundamentos, seja ele no campo da Educação Ambiental, do Paisagismo, das Artes Aplicadas, da Intervenção Urbana, bem como em outras áreas, como a Geobiologia, Geometria Sagrada, Agricultura Biodinâmica e Saberes Transversais. Creio que será sempre na relação com as escolas que encontrarei um campo mais vasto para esses aprofundamentos e para a construção de relações instigantes entre prática artística e sociedade. Nas escolas, os limites se minimizam e as possibilidades aumentam. Quando no contato com os alunos, principalmente dos anos do ensino fundamental, encontro a possibilidade de trazer para a minha vida essa prática artística vinculada à conexão com a natureza, procuro, com o meu trabalho, dar um sentido prático a um desejo pessoal de contribuir para a construção de novos espaços de troca de conhecimentos e novos métodos de ensino, que aconteçam fora da sala de aula tradicional.

Considero que a necessidade de um sentido artístico para a vida, independentemente da maneira como cada um se relaciona com ele, potencializa a oportunidade para que cada pessoa aja e modifique positivamente seu lugar no mundo. Encontro uma concordância na citação da professora Ana Luíza Genésio (1999), quando diz que “admito que o belo natural se pode melhorar pela mão dos artistas”. E, é nessa citação que encontro incentivo para praticar o que acredito caber a todos: melhorar aquilo que já é belo para que o belo faça ressonância em nós.

Contudo, sinto que, mais que as palavras, as imagens aqui contidas ou, mais ainda, uma visita ao Jardim Mandala conseguem transmitir o sentido místico e poético que permeia o relato deste TCC, sentido que sempre procurei imprimir no meu trabalho e que revela a minha relação visceral com a natureza, com os mitos nas suas mais diferentes linguagens, e com a arte.

Gratidão!

4 APÊNDICE: Depoimentos

4.1 Amarilis Coragem

O Jardim Mandala – A Faculdade de Educação da UFMG há muito desejava um espaço de convivência para além das salas formais de reuniões, dos gabinetes, das salas de aula. No ambiente de trabalho é que passamos grande parte de nossa vida, estamos juntos, mas, ao mesmo tempo, tão distantes, sempre ocupados com nossas tarefas cotidianas. Foi no Jardim Mandala que esse desejo se realizou, construindo um lugar de acolhida, para conversar, para conviver.

Para Wellington Dias, essa realização faz parte de sua trajetória de paisagista, escultor e educador. Sua trajetória começa em outro projeto que criou na área rural da cidade de Jaboticatubas, onde reunia crianças e jovens para plantar, desenhar e pintar. Nesse projeto, os participantes produziram peças de artesanato, cultivaram plantas ornamentais e medicinais, desenvolvendo o gosto pelo cuidar do ambiente, da natureza, das pessoas, da arte popular, enfim, da vida.

Do mesmo modo, no Jardim Mandala, Wellington reuniu plantas ornamentais e medicinais entre suas peças de cerâmica, observando suas formas, cores, tamanhos, bem como a natureza de cada vegetal para compor mandalas coloridas em uma proposta de interação com os visitantes, ou seja, para serem apreciadas, interpretadas, cultivadas, acrescentadas, recolhidas para estudo ou distribuídas para o consumo.

O Jardim Mandala, como apropriadamente seu nome indica, é, ao mesmo tempo, o lugar do múltiplo e do diverso. A mandala é um diagrama geométrico que aparece em muitas culturas como expressão artística e religiosa desde a antiguidade. Sendo usada como instrumento de concentração para atingir estados superiores de meditação, a configuração da mandala promove certa forma de encantamento. Podemos verificar que o desenho de uma mandala se constitui na complementaridade harmônica entre as figuras e o fundo, em uma estrutura básica de círculos concêntricos justapondo a forma e contraforma nos limites do círculo. Nessa configuração, a mandala se propõe simbolizar a relação entre o homem e o universo ao conjugar as partes e o todo, integrando diversidade e harmonia. Assim, começamos entender a proposta desse jardim.

Embora respondesse a um antigo desejo de um espaço de convivência, o novo ambiente criado por Wellington Dias, surpreendeu a todos, causando um impacto transformador ao multiplicar suas possibilidades:

Criou, nesse ambiente, um lugar de encontro com a natureza, proporcionando o contato com as flores, ervas e folhagens, de encontro com as pessoas, aproximando alunos, professores, funcionários e visitantes; um lugar de lazer, de sair da rotina, relaxar, respirar, capaz de recuperar o prazer de estar vivo e a alegria de estar junto;

um lugar de reflexão, onde se pode contemplar, inventar, lembrar, questionar, rever ou repensar; um lugar de sensibilidade, onde se pode ouvir música, sentir o ar fresco, perceber as diferentes formas e cores, os aromas das plantas e os sabores dos chás estimulando nossa capacidade de entender o mundo nos seus aspectos sensoriais e sensíveis; um lugar de educação, de descobertas, de livre aprendizagem, onde o ensino se fundamenta na experiência autônoma e livre, que instiga a curiosidade e estimula a construção de conhecimento.

No desenvolvimento de seu processo criativo, ao ampliar e projetar no espaço tridimensional essa composição, o artista construiu um ambiente capaz de proporcionar aos visitantes uma experiência fundamental, sensível e reflexiva, assumindo assim, seu o caráter de obra. Sem a pretensão de categorizar, mas considerando-a do ponto de vista artístico, percebemos nela alguns aspectos comuns às obras de intervenção, de ambientação, de instalação, e de escultura. Tais aspectos ficam evidentes quando se verifica que esse ambiente é capaz de promover a ressignificação do espaço, a provocação estética, e a percepção transformadora. Nessa dimensão, o jardim Mandala extrapolou o projeto inicial, rompendo seus limites formais conservando sua potência simbólica como uma grande mandala.

Amarilis Coragem
Professora da Licenciatura em Artes da Faculdade de Educação

4.2 Cristina Magalhães

“O trabalho de Wellington Dias nasce da sua forte ligação aos elementos água, ar, terra e fogo. O seu desenho deságua inevitavelmente na matéria viva da natureza através da qual exprime e defende a estética natural do material. O seu fazer artístico revela o encontro com a nossa casa interior cuja raiz tem uma ligação profunda à natureza e às histórias dos lugares em que (re)nascemos. Um trabalho surpreendente, belo e dedicado à alma do ser humano.”

Cristina Magalhães
Artista e professora de Artes Visuais na ESE-IPB/Portugal

4. 3 Caio Junqueira Maciel

O Fauno, ente mitológico, propõe múltiplas leituras no campo das artes. Foi cantado em verso, em prosa, em tinta, em pedra, em acordes e coreografias, em película cinematográfica. Basta lembrarmos, na poesia, de nomes como Horácio, John Milton, Mallarmé e do brasileiro simbolista Emiliano Perneta. Sem dúvida, a voz mais poderosa a soprar vida ao Fauno foi a de Mallarmé, em 1876, com o poema “L’après-midi d’un faune” (A Tarde de um Fauno”), que inspirou Debussy em “Prélude à L’après midi d’un faune”(1894), e que, por sua vez, inspirou o balé encenado por Nijinski, em 1912. Em 2006, o cineasta mexicano Guillermo del Toro dirigiu o

perturbador *O labirinto do fauno*, inserindo esse mito nas trevas do franquismo espanhol.

Agora, em 2017, em Trás-os-Montes, Portugal, um artista brasileiro de Belo Horizonte nos traz o mito do Fauno, associado a elementos da mitologia céltica. Em Bragança, durante um mês (15 de fevereiro a 15 de março), no Museu do Abade de Baçal, houve a exposição “Outono”, de pinturas, desenhos e esculturas, criadas por Wellington Dias. Foram utilizados materiais biodegradáveis e alternativos, como restos de papéis e papelões, tecidos, fibras, galhos, folhas, raízes, musgos e liquens. É de impressionar a riqueza da exposição, que contou com a participação da comunidade de Bragança, em atividades criativas, estimulando, principalmente, as crianças, ainda que essa personagem mítica seja, até certo ponto, digamos assim, proibida para menores... Mas o que nos chama a atenção, da mesma maneira como Wellington já realizou com desenhos e pinturas de mulheres de São Tomé, na África, é a delicadeza e a sutileza de como esse artista processa as várias imagens do Fauno, como velho e como criança, em um ambiente marcado por fadas, elfos, espíritos das árvores e das pedras, além do mago e do gamo (no soneto de Emiliano Perneta, o gamo é a metáfora do desejo). Wellington Dias, apaixonado pela natureza, transfere para seus trabalhos aquele “bosque irrigado de acordes”, cantado por Mallarmé, e suas figuras, para tornar a citar o poeta francês, em tradução de Décio Pignatari, transmitem fascínio “em mil ramos sutis a imitar a mata”. As cores do Outono de Bragança atuam em doce cumplicidade com o fazer estético do artista. Atentem para certa melancolia crepuscular que emerge do olhar de muitos desses Faunos, como se expressassem, tal qual no derradeiro verso de Mallarmé: “Ninfas, adeus: ver a sombra que vos tornais”. Gostaria de citar, também, Fernando Aldeia, poeta dessa região portuguesa de Trás-os-Montes, precisamente de Chaves, que, na “Poesia outonal”, cantou o ardor indizível das noites de outono, quando “os corpos no meio das sombras/ amam-se até ao despertar dos galos/ no bafo das ervas acolchoadas.” A exposição de Wellington, de forma delicada, tira o velho Fauno das sombras e, harmonizando fauna, magia e flora, nos deslumbra com a sua riqueza sugestiva.

Caio Junqueira Maciel
Ensaísta, contista, poeta

5 ANEXOS

5.1 Oxum ou Oloxum, na religião ioruba, é um orixá que reina sobre a água doce dos rios, o amor, a intimidade, a beleza, a riqueza e a diplomacia. Também é um orixá do candomblé. Oxum é dona do ouro e da nação Ijexá. Tem o título de Iyálòdè entre os orixás.

História de Oxum: Diz o mito que Oxum era a mais bela e amada filha de Oxalá. Dona de beleza e meiguice sem iguais, a todos seduzia pela graça e inteligência. Oxum era também extremamente curiosa e apaixonada. E quando, certa vez, se apaixonou por um dos orixás, quis aprender com Orumilá, o melhor amigo de seu pai, a ver o futuro. Como o cargo de oliô (dono do segredo), não podia ser ocupado por uma mulher, Orumilá, já velho, recusou-se a ensinar o que sabia a Oxum.

Oxum então seduziu Exú, que não pôde resistir ao encanto de sua beleza e pediu-lhe que roubasse o jogo de Ikin (casca de coco de dendezeiro) de Orumilá. Para assegurar o seu empreendimento, Oxum partiu para a floresta em busca de Iyami Oshoronga, as perigosas feiticeiras africanas, a fim de pedir também a elas que a ensinassem a ver o futuro. Como as Iyami desejavam provocar Exú há tempos, não ensinaram Oxum ver o futuro, pois sabiam que Exú já havia roubado os segredos de Orumilá, mas a fazer inúmeros feitiços, em troca de que, a cada um deles, elas recebessem sua parte.

Tendo Exú conseguido roubar os segredos de Orumilá, o Deus da adivinhação se viu obrigado a partilhar com Oxum os segredos do oráculo e lhe entregou os 16 búzios com que até hoje às mulheres jogam. Oxum representa, assim, a sabedoria e o poder feminino.

Em agradecimento a Exú, Oxum deu a Exú a honra de ser o primeiro orixá a ser louvado no jogo de búzios, e entrega a eles suas palavras para que as traga aos sacerdotes. Assim, Oxum é também a força da vidência feminina.

Mais tarde, Oxum encontrou Oxóssi na mata e apaixonou-se por ele. A água dos rios a floresta tiveram então um filho, chamado Logun-Edé, a criança mais linda inteligente e rica que já existiu.

Apesar do seu amor por Oxóssi, em uma das longas ausências desse, Oxum foi seduzida pela beleza e os presentes (Oxum adora presentes) e o poder de Xangó, irmão de Oxóssi, rompendo sua união com o Deus da floresta e da caça. Como Xangó não aceitava Logun-Edé em seu palácio, Oxum abandonou seu filho, usando, como pretexto, a curiosidade do menino, que um dia foivê-la banhar-se no rio. Oxum pretendia abandoná-la sozinha na floresta, mas o menino se esconde sob a saia de Iansã e partiu com Xangô, tornando-se, a partir de então, sua esposa predileta e companheira cotidiana.

Características dos filhos de Oxum

Os filhos de Oxum preferem contornar habilmente um obstáculo a enfrentá-lo diretamente, por isso mesmo, são muito persistentes no que buscam, tendo objetivos fortemente delineados, chegando mesmo a ser incrivelmente teimosos e obstinados.

A imagem doce, que esconde uma determinação forte e uma ambição bastante marcante, colabora a tendência que os filhos de Oxum têm para engordar, gostam da vida social, das festas e dos prazeres em geral.

O sexo é importante para os filhos de Oxum. Eles tendem a ter uma vida sexual intensa e significativa, mas diferente dos filhos de Iansã e Ogum.

Os filhos de Oxum são mais discretos, pois assim apreciam o destaque social, temem os escândalos ou qualquer coisa que possa denegrir a imagem de inofensivos, bondosos, que constroem cautelosamente.

Na verdade, os filhos de Oxum são narcisistas demais para gostarem muito de alguém que são eles mesmos, mas sua facilidade para a docura, sensualidade e carinho pode fazer com que pareçam os seres mais apaixonados e dedicados do mundo.

Faz parte do tipo, certa preguiça coquete, uma ironia persistente, porém, discreta e, na aparência, apenas inconsequente.

Verger define:

O arquétipo de Oxum é o das mulheres graciosas e elegantes, com paixão pelas joias, perfumes e vestimentas caras.

O ossé da Oxum é realizado no sábado e seus objetos consistem numa sopeira de louça tampada onde se encontra o Óta que deve ser uma pedra retirada do fundo de um rio ou cachoeira, e abebé que se trata de um leque de latão mergulhado em mel.
http://euexango.blogspot.com.br/2011/02/historia-da-oxum_2910.html

5.2 Ogum é o orixá da guerra, da coragem, o protetor dos templos, das casas, dos caminhos. Ogum precede os outros orixás, vindo logo após Exú, e recebe também parte dos sacrifícios dos outros orixás, pois foi quem que forjou o obé (faca usada nos rituais para oferendas de sacrifícios). Era um guerreiro que brigava sem cessar contra os reinos vizinhos. Dessa expedições, ele trazia sempre um rico espólio e numerosos escravos. Guerreou contra a cidade de Ará e a destruiu. Saqueou e devastou muitos outros estados e apossou-se da cidade de Irê, matou o rei, aí instalou seu próprio filho no trono e regressou glorioso, usando ele mesmo o título de Onfirié, “Rei de Irê”.

Características dos filhos do orixá Ogum

Os filhos de Ogum são o tipo das pessoas fortes, aguerridas e impulsivas, incapazes de perdoar as ofensas de que foram vítimas. Das pessoas que perseguem energicamente seus objetivos e não se desencorajam facilmente. Daquelas que, nos momentos difíceis, triunfam onde qualquer outro teria abandonado o combate e perdido toda a esperança. Das que possuem humor mutável, passando de furiosos acessos de raiva ao mais tranquilo dos comportamentos.

São do tipo de pessoas impetuosas e arrogantes, mas que devido à sinceridade e franqueza de suas intenções, tornam-se difíceis de serem odiadas.

http://euxango.blogspot.com.br/2011/02/historia-da-oxum_2910.html

5.3 Ewá orixá do rio Yewa, que fica na antiga tribo Egbado (atual cidade de Yewa) no estado de Ogun na Nigéria. Orixá identificada no Jogo de Búzios pelo odú *obeogundá*.

Características dos filhos de Ewá

Pessoas de beleza exótica, diferenciam-se das demais justamente por isso. Possuem tendência à duplicitade: Em algumas ocasiões, podem ser bastante simpáticas, em outras, são extremamente arrogantes; às vezes aparecem ser bem mais velhas ou parecem meninas, ingênuas e puras.

Apegadas à riqueza, as filhas de Ewá gostam de ostentar, de roupas bonitas e vistosas, e acompanham sempre a moda, adoram elogios e galanteios.

São pessoas altamente influenciáveis, que agem conforme o ambiente e as pessoas que as cercam, assim, podem ser contidas damas da alta sociedade quando o ambiente requisitar, ou mulheres populares, falantes e alegres em lugares menos sofisticados.

São vivas e atentas, mas sua atenção está canalizada para determinadas pessoas ou ocasiões, o que as leva a desligar-se do resto das coisas. Isso aponta certa distração e dificuldades de concentração em determinados momentos.

<http://www.raizesespirituais.com.br/orixas/ewa/>

5.4 Erê – no Candomblé, é o intermediário entre a pessoa e o seu Orixá, é o aflorar da criança que cada um guarda dentro de si; reside no ponto exato entre a consciência da pessoa e a inconsciência do orixá. É por meio do Erê que o Orixá expressa a sua vontade, que o noviço aprende as coisas fundamentais do candomblé, como as danças e os ritos específicos do seu Orixá.

A palavra Erê vem do yorubá, iré, que significa “brincadeira, divertimento”. Daí a expressão siré que significa “fazer brincadeiras”. O Erê (não confundir com criança

que em yorubá é omódé) aparece instantaneamente logo após o transe do orixá, ou seja, o Erê é o intermediário entre o iniciado e o orixá.

<https://ocandomble.com/2008/09/22/ere/>

5.5 Festa da Cabra e do Canhoto de Cidões

Tradição com ligação às celebrações Celtas de Samhain que significavam o final do Verão e início do Inverno. Significava a abertura do portal entre o mundo dos mortos e o dos vivos. Nessa noite, a aldeia fica iluminada por uma fogueira gigante, atuações celtas e muito misticismo por toda a aldeia e recinto do evento.

Festa da Cabra e do Canhoto de Cidões realiza-se na Aldeia de Cidões - Vinhais - Bragança - Portugal, no dia 29 de outubro de 2016!

Cidões é uma aldeia com apenas 18 residentes, mas nessa noite reúnem-se milhares de pessoas em volta de uma gigantesca fogueira, precisamente na noite de Halloween. Podemos dizer que foi em festas como essa que surgiu a tradição do Halloween e se espalhou para o mundo por meio dos Celtas. A Zona de Trás-os-Montes foi habitada pelo povo Celta que era constituído por várias tribos. Uma delas, os Zoelas ocuparam a região de Bragança e Vinhais até as Astúrias. A eles se deve essa tradição. Acendiam uma grande fogueira para se despedirem da estação Clara – o bom tempo e se preparam para a estação escura – o mau tempo.

Uma noite em que eram invocadas todas as energias positivas que a natureza podia dar. Ainda hoje, em muitas aldeias do Norte de Portugal e de Espanha, acendem-se fogueiras nessa noite. Em Cidões, sempre se fez essa festa que começa com a cerimônia ritual de Ascensão da Lua e do Pôr do Sol. Depois, acende-se, pelas Deusas Celtas, a gigantesca fogueira onde é queimado o Canhoto ou demônio (tronco de árvore de 10 toneladas que simboliza o demônio).

Queima-se também um enorme Bode construído pelas crianças e jovens da Escola Secundária de Vinhais. Queimamos o Bode e comemos-lhe a Mulher que é a cabra Matchorra ou infértil! Este ano temos 13 cabras para serem cozinhadas nos potes à volta da Fogueira. À boa maneira Celta, temos bailarinas Celtas que irão apresentar danças Celtas, cuspidores de fogo, Grupos de Gaiteiros e bombos e, no fim, de forma apoteótica, chega o CARETO, em cima do carro de bois a cantar. A aldeia vai estar toda iluminada, bem como a ponte e o percurso de Cidões. Queremos entrar na estação escura e despedirmo-nos da estação clara.

http://www.rotaterrafraria.com/frontoffice/pages/330?geo_article_id=7793

REFERÊNCIAS

Bruno Torfs <http://semema.com/esculturas-de-bruno-torfs-em-seu-jardim-magico/>

Caribé – Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Caryb%C3%A9>

Erê – Disponível em: <https://ocandomble.com/2008/09/22/ere/>

Ewá – <http://www.raizesespirituais.com.br/orixas/ewa/>

Fauno – Disponível em: <http://gatomistico.blogspot.com.br/2008/08/o-fauno.html>

Festa da Cabra e do Canhoto – Disponível em:
http://www.rotaterrafraria.com/frontoffice/pages/330?geo_article_id=7793

GENÉSIO, Luísa. A paisagem como objecto estético. Conferências da ESA-1999, p. 1-13, 1999.

Geobiologia – Disponível em: <http://www.radiesthesia.net/geobiologia/introducao-a-geobiologia/>

Geometria Sagrada – Disponível em: <http://soldesirius.blogspot.com.br/2009/10/geometria-sagrada.html>

Ogum – Disponível em: http://euexango.blogspot.com.br/2011/02/historia-da-oxum_2910.html

Oxum – Disponível em: http://euexango.blogspot.com.br/2011/02/historia-da-oxum_2910.html

Philippe Faraut – Disponível em: | <http://lavrapalavra.blogspot.com.br/2013/09/philippe-faraut-esculturas-excepcionais.html>